

LITERATURA E VIDA

Moacyr Scliar

A MINIATURIZAÇÃO DA VIDA

No final desse notável romance que é *Caminhos Cruzados*, de Erico Verissimo, Clarimundo, professor de matemática, resolve tocar um projeto antigo: escrever um livro em que um ET relatará como vê o nosso mundo e a humanidade. Começa, naturalmente, pelo prefácio, onde se queixa de que a vida é chata, monótona. Da janela de seu quarto, prossegue o professor, ele vê numerosas pessoas, empenhadas no “ramerrão cotidiano”. Entre parênteses, são essas as pessoas cujos dramas, tragédias e comédias Erico acabou de narrar nas 286 páginas precedentes. Mas, diz Clarimundo, “debalde os romancistas tentam nos convencer de que a vida é um romance”; ele simplesmente não acredita nisso. Ao terminar o prefácio, Clarimundo tem um sobressalto: na chaleira que deixou no fogão, a água ferve, “a tampa dá pulinhos, ameaçando saltar”. Num pulo, Clarimundo tira a ameaçadora chaleira do fogo. “Quase me acontece um desastre!” – pensa.

A experiência de Clarimundo não é única, pelo contrário. Não são poucas as pessoas que, sobretudo depois de certa idade, comportam-se como ele. Coisas de pouca importância – a chaleira cuja tampa quase salta fora, a lâmpada que queima, o pneu do carro que está vazio – não raro assumem proporções de desastres. E pelo contrário, os verdadeiros desastres muitas

vezes são minimizados, sobretudo se, como mostra o caso de Clarimundo, acontecem com os outros. Ao redor do professor, pessoas têm paixões não correspondidas, pessoas vêem suas melhores expectativas frustradas, pessoas adoecem, pessoas morrem mas, para ele e para muitos de nós, isto não conta para nada. E a pergunta que se impõe é: a que se deve esta clara inversão dos valores que em geral admitimos como autênticos? Será que a vida nos torna insensíveis, indiferentes ao que se passa ao nosso redor? Será que, com o tempo, nos tornamos verdadeiros ETs?

Em parte é isso, mas só em parte. De fato, com o tempo diminui nossa sensibilidade para os dramas e tragédias do mundo; criamos outros dramas e tragédias (o drama da chaleira fervendo) para substituí-los. Mas também se trata de uma defesa psicológica. Para muitas pessoas a vida se torna tão avassaladora, tão ameaçadora – os problemas de saúde, os assaltos, a violência urbana, a intolerância – que o jeito é fugir disso, é miniaturizar o mundo, trocar ameaças gigantescas por outras menores, e aparentemente controláveis. Só que a nossa capacidade de gerar sentimentos e emoções não se esgota. Resultado: coisas pequenas, miniaturais, continuam nos mobilizando emocionalmente. E de repente o fato de termos esquecido de pagar uma conta transforma-se numa catástrofe.

A miniaturização da vida em si não seria problema. Mas, como mostra o caso do professor Clarimundo, acaba resultando numa espécie de fechamento para o mundo. Cair fora, “drop out” é uma tentação que não acomete só os adolescentes; todos nós estamos sujeitos a ela. Não precisamos, contudo, abandonar o barco. Podemos fazer como os antigos navegantes: sondar o horizonte, abrimo-nos para o mundo desconhecido. Pensar grande, como dizem os empresários, não em termos de lucros financeiros, mas de ganhos emocionais. Descobriremos então que entre o céu e a terra há muitas coisas além da chaleira que ferve.

AS PROFESSORAS DO DESEJO

Em *Caminhos Cruzados* (1935) Erico Verissimo esboça um verdadeiro painel da sociedade porto-alegrense daquela época, através de personagens cujas trajetórias repetidamente se cruzam. Entre esses personagens há uma dupla particularmente comovente: um rapaz chamado Pedrinho, que está apaixonado pela prostituta Cacilda, e que fará qualquer coisa para conquistá-la.

Erico sabia do que estava falando. Naquela época, mais de trinta anos antes da revolução sexual desencadeada pelos modernos anticoncepcionais, a iniciação sexual dependia sobretudo das chamadas “mulheres de vida fácil”, uma expressão que não refletia muito bem a realidade. Não era tão fácil, aquela vida. Em primeiro lugar, como atividade profissional, durava pouco tempo: aos trinta, trinta e poucos, a mulher já era considerada velha e perdia clientes para as mais moças. Em segundo lugar, exigia que todas as noites as mulheres estivessem disponíveis, quer no bordel (as mais afortunadas) ou na rua, fazendo o “trottoir” (os termos franceses estavam na moda). E por último havia o gigolô, que explorava as mulheres e não raro as agredia brutalmente, dentro do que era claramente uma relação de tipo sadomasoquista.

E como eram as prostitutas? Seu perfil variava muito. Algumas eram simples burocratas do sexo. Faziam o que tinham de fazer e recebiam o pagamento. Este, aliás, era estabelecido por uma tabela, habitualmente afixada na parede do quarto, e regulada basicamente pelo tempo. A unidade mínima era o “instante”. E bota instante nisso. Coisa de minutos, sobretudo quando se tratava de um guri ansioso e portanto propenso à ejaculação precoce. Também levava-se em conta aquilo que a mulher estava disposta a fazer. Muitas delas executavam qualquer

manobra. Menos o beijo na boca. Ah, sim, isso era clássico: prostitutas não se deixavam beijar. Beijo era sinal de amor e aquilo que elas faziam era sexo, nada tinha a ver com paixão. Beijo, só para o gigolô, para o amante. Finalmente, as mulheres tinham de se precaver contra o calote ou, pior, contra a violência. Muitas delas levavam consigo uma navalha, a clássica arma da prostituta e que, não raro tinha de ser usada contra um homem mais violento ou safado.

Mas havia situações diferentes, e é o que Erico, profundo conhecedor na natureza humana, mostra no romance. As prostitutas muitas vezes recebiam garotos assustados, nervosos, que as procuravam para tornarem-se homens (esta introdução não raro era feita por um amigo mais velho do guri, ou mesmo pelo pai). E aí as mulheres mostravam uma outra face, a sua face compreensiva, terna, carinhosa. Elas se tornavam, para usar a expressão de um outro escritor, Philip Roth, professoras do desejo. E ministravam ao discípulo uma verdadeira aula de sexo. Que, quando bem sucedida, reafirmava a masculinidade do iniciante, ainda que a preço de uma ocasional gonorréia.

Erico só nos mostra Cacilda acolhendo Pedrinho. Não diz o que aconteceu depois. Mas se esse Pedrinho existiu podemos estar certos de que hoje, octogenário, ele lembra com saudade sua Cacilda, dizendo-lhe, terna: “Entra, nêgo, que tá frio.”

OBRIGADO, PALAVRAS

As palavras estão ali, no compartimento da mente reservado ao repertório vocabular e que, em alguns casos, é uma luxuosa suite, com camas king-size, banheira de hidromassagem e frigobar e, em outros

casos, não passa de um humilde aposento pequeno e sem qualquer conforto. O número de estrelas do hotel da mente depende da fama e da fortuna que as palavras ali alojadas podem proporcionar ao anfitrião. Mas mesmo aqueles que abrigam as palavras por razões que não têm a ver com interesse ou ambição, mesmo aqueles que apenas respeitam as palavras, que as amam, mesmo esses recebem delas uma retribuição, senão em dinheiro ou em prestígio, pelo menos através daquilo que se poderia chamar de prazer do texto.

Mas então as palavras estão ali, à espera. Imóveis; as palavras são uma extensão do ser humano – se este não as mobiliza é como se não existissem. E assim o tempo passa. Passa para todo mundo, passa para as palavras, também; muitas envelhecem, algumas morrem. Ah, sim, e outras surgem. De vez em quando estas recém-chegadas penetram, radiantes (quando não arrogantes), no compartimento da mente. A tecnologia costuma trazer várias: deletar, por exemplo, ou acessar. Mesmo as novatas que têm prestígio, contudo, precisam se acomodar e aguardar.

E aí vem o aviso. Que pode ser trazido por alguma palavra, alguma excitada palavra, ou mesmo por uma imagem. Imagens também têm o seu compartimento na mente. São compartimentos vizinhos e que se comunicam. Embora haja certa concorrência entre as duas categorias, freqüentemente imagens precisam das palavras e vice-versa. Como é que se vai descrever uma bela mulher, a não ser em palavras? E não se diz, por outro lado, que uma imagem vale mil palavras? De qualquer modo as palavras são alertadas: gente, ele (ou ela) vai precisar de nós, portanto preparem-se.

As palavras se preparam. Ali estão elas, enfileiradas. Algumas em posição de sentido, outras numa postura mais relaxada. Algumas com ar arrogante; outras mostrando sua humildade. Mas ansiosas todas estão.

Porque os critérios de escolha são desconhecidos. A palavra “palíndromo”, por exemplo, tem sonoridade, é pomposa, é enigmática, impressiona; mas será usada? Será que o texto ainda em embrião falará de vocábulos ou frases que são iguais, lidos da frente para diante ou de diante para trás? Palíndromo sofre com a dúvida, assim como sofrem outras palavras difíceis: dialética, hermenêutica, nênese. Sofrem menos as humildes, os artigos, as preposições, os pronomes. Serão usadas, certamente; mas serão valorizadas?

De repente começa a elaboração do texto. O dono da mente agora está sentado ao computador ou talvez até escrevendo à mão. E pelo jeito está inspirado. As palavras são constantemente convocadas: amor, é tua vez! Ódio, ele precisa de ti! Casamento, gravidez, venham correndo! Uma a uma as palavras vão se apresentando. Identificam-se, são utilizadas, ocupam seu lugar na frase e, muitas vezes sem receber qualquer agradecimento, voltam para o seu lugar na mente, algumas felizes, outras magoadas. Na tela do computador o texto vai surgindo: este texto que vocês estão lendo. Para que serve, mesmo? Para agradecer às palavras. Elas merecem a nossa gratidão.